

“Dos aparelhos ao orkut”: algumas considerações acerca das relações entre as entidades estudantis, a juventude e a *internet*¹

Andrey Lopes²

Resumo

Este trabalho tem como mote analisar as implicações que as novas tecnologias – internet, Orkut, MSN, email e outros – imputam às relações sociais da juventude brasileira atual, modificando as formas de cotidianidade e o itinerário da vida dos sujeitos que lidam com esse meio. Analisamos também, como essas novas tecnologias estão interferindo e/ou sendo apropriadas pelas entidades de representação estudantil e pelos jovens brasileiros. Para problematizar este estudo, optamos por analisar, prioritariamente, como as entidades estudantis – União Nacional dos Estudante-UNE, Diretórios Centrais dos Estudantes-DCEs e outros – estão se comportando frente a essas mudanças concernentes a tecnologia e a prática social de sua base, a saber, a juventude.

Palavras-chave: Entidades estudantis. Novas tecnologias. *Internet*. Relações sociais e juventude.

Abstract

This work has as theme examine the implications that new technologies - Internet, Orkut, MSN, email and others - attributed to the social relations of Brazilian youth today, changing the shapes of everyday life and the itinerary of the subjects that deal with this medium. We also look at how these new technologies are interfering and / or with appropriate representation by the student and the young Brazilian. To investigate this study, we examine a priority, such as student organizations - the National Union of Students-UNE, Directories Central Student-DCEs and others - are behaving in the face of these changes

¹ O termo *aparelho* era utilizado pelos órgãos de repressão do período militar para designar o local de encontro e/ou residência de opositores ao Estado instituído. Os “aparelhos da esquerda” eram, portanto, identificados e difundidos, no discurso oficial, como locais da subversão, do escondido, do errado, do criminoso, da conspiração, enfim, lugares frequentados por pessoas não afinadas com os interesses da nação. Já o *Orkut* é um site de relacionamento, criado em 2004, que acabou por se tornar um *lôcus* de encontro virtual da juventude. Assim, o título do artigo é emblemático, pois esses termos são símbolos de juventudes de períodos distintos. Artigo produzido a partir de reflexões na disciplina “Trabalho, tecnologia e relações sociais”, da Linha de Pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais” do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. A disciplina foi ministrada pela profa. Dra. Dilma Andrade de Paula.

² Mestrando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. / UFU- MG. adyhistoria@yahoo.com.br

pertaining to technology and social practice from its base, the namely the youth.

Keywords: Student organizations. New technologies. Internet. Social and youth.

No seminário da II Semana de debates contemporâneos, intitulado “Maio de 1968: as barricadas do desejo”, realizado no ano de 1988, Valmir Santos, então presidente da UNE, chamava a atenção para o fato de que tanto as entidades estudantis, quanto os partidos políticos, precisavam compreender a juventude da época. Segundo ele, os partidos de esquerda e as entidades estudantis estavam “caducos” no que tange a entender a juventude. “São movimentos velhos, que reproduzem posturas e discursos ultrapassados”.³

A passagem de Valmir Santos nos leva à seguinte questão: será que atualmente as entidades estudantis estão conseguindo entender a juventude? Ou melhor, qual a postura que elas estão tomando para atrair a atenção do jovem de hoje para suas ações?

Antes de tudo, é necessário pontuarmos que, em cada período histórico, a terminologia juventude assume uma forma específica de o jovem viver a sua condição, ou seja, revela uma maneira de viver a juventude que se distingue de outras épocas.

No horizonte da história, percebemos que o século XX foi marcado pela presença da juventude no cenário político, sobretudo dos movimentos estudantis e *hippies* dos anos 1960. A década

de 1960, período este marcado por uma ditadura militar no Brasil, revela toda uma forma de ser jovem do período que, apesar de tudo, não abrange a totalidade da juventude brasileira. Os jovens das grandes capitais brasileiras filiaram em potencial ao novo comportamento cultural que transgrediu o vestuário, a linguagem, a sexualidade e a forma de fazer política. A figura do jovem guerrilheiro marcou de distintas formas a juventude do país que, constantemente, aparecia nas páginas dos jornais, realizando passeatas e proclamando palavras de ordem: “abaixo a ditadura”, “o povo unido jamais será vencido”.

No entanto, com a forte repressão, principalmente após o Ato Institucional nº5⁴, as passeatas deram lugar a um clima de “silêncio gritante”. Estas mudanças afetaram certamente a juventude do país, promovendo mudanças nos modos de ser da juventude. A partir daí, o estudante teve de procurar outras formas e / ou alternativas de viver sua condição, seja na clandestinidade, seja em outros movimentos sociais – como o movimento negro, ambientalista, feminista e outros.

A filósofa Marilena Chauí, no ano de 1988, período pós-ditadura militar, comenta esse novo contexto de reconfiguração das lutas sociais.

³ Jornal. II Semana de debates contemporâneos. “Maio de 68: as barricadas do desejo, maio de 1988.

⁴ Editado no mês de dezembro do ano de 1968, o AI-5 significou o maior ato de recrudescimento dos governos militares, ficando conhecido como o “golpe dentro do golpe de Estado”.

Agora cercada de grades e portões, ergue-se o *campus* universitário: poucos transeuntes, muitos carros e muitas motos, de quando em vez, um ônibus. Nele não há lazer nem relação com o mundo circundante. Apressadas, as pessoas o atravessam rumo ao trabalho, uma divindade *taylorista* tendo tomado todas as precauções para que aí reine o ritmo de uma empresa. Mas diabretes interferem nessa racionalidade operosa: a agitação não ultrapassa a barreira dos sisifos da burocracia. ‘Antigamente, universitários se encontravam nas cateedrais. A gente se encontra no saguão do Banespa’. A ética calvinista, tardia com o capitalismo nacional, invade o *campus*/ou seria o *pastus*? Para impor-lhe a faina dos predestinados. Tempo é dinheiro; não seja tolo fazendo pesquisas demoradas. ‘Produza, produza’.⁵

A autora ressalta as mudanças ocorridas nas universidades e no cotidiano dos estudantes, que passaram a se encontrar na frente do Banespa, um símbolo do capitalismo. Estes apontamentos são representativos na medida em que nos indicam a existência de novas formas de vida, que disputam espaço no cotidiano da sociedade brasileira. Alguns termos citados como taylorismo e ética calvinista, são comuns no mundo capitalista, em que, no caso do primeiro, há uma forma de trabalho em que há o predomínio do individualismo, em detrimento da solidariedade coletiva.⁶

⁵ CHAÚÍ, Marilena. Um lugar chamado Maria Antonia. IN: SANTOS, Maria Cecília L. dos.(org). *Maria Antonia uma rua na contramão*. São Paulo: UNICAMP, 1988, p.252.

⁶ Para saber um pouco mais sobre o taylorismo ver: ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*:

A partir desse contexto, o jovem parece viver uma espécie de presenteísmo, sem uma relação passado-presente-futuro. A agenda do dia passa a ser: *carpe diem*. Eric Hobsbawm, na obra “Era dos extremos”, faz apontamentos no sentido de que o século XX foi breve⁷, pois o surgimento de diversas tecnologias – inclusive as usadas nas guerras – modificou as formas do homem experimentar o tempo e o espaço, que passaram a ser experienciados com rapidez e agilidade. Nesse sentido, ele assinala que o jovem foi afetado por essas mudanças.

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje vivem uma espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público em que vivem.⁸

Essa assertiva feita por Hobsbawm parece ser atual e significativa para a época contemporânea, principalmente neste século em que somos bombardeados a todo instante por propagandas de novas tecnologias, nos induzindo ao consumismo. São Ipods, Mp3/4, celulares

Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: BOITEMPO, 2007. Sobre a ética calvinista vide: WEBER, Max. O ascetismo e o espírito do capitalismo. IN: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

⁷ A tese de Hobsbawm é que o século XX teve início em 1914 com a eclosão da guerra e terminou em 1991, com a desagregação da União soviética.

⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.13.

e computadores – referimos à internet, Orkut, MSN e sites – que marcam o cotidiano da sociedade e, conseqüentemente, da juventude atual.

Para Greco,

O acesso ao mundo do consumo ou ao mundo pela rede da internet traz a ilusão de que isto garanta para a juventude ser cidadão do mundo. No entanto, sem ser cidadão do lugar não se chega a ser cidadão do mundo que habita.⁹

A explanação feita até o momento nos leva a outras questões. Como as entidades estudantis estão se portando frente a essas novas tecnologias? Como podemos avaliar as relações sociais nessa época da internet? Nesse sentido, procuramos entender como estão sendo construídas as relações entre as entidades estudantis, juventude e a internet.

Novas tecnologias e movimento estudantil

A produção historiográfica do movimento estudantil brasileiro, via de regra, privilegiou o estudo das ações estudantis nos anos 1960, em detrimento de outros períodos. A preocupação fundamental desses estudos foi analisar a resistência dos estudantes e a repressão praticada contra os mesmos pela ditadura militar, instaurada em 1964. Assim, poucas são as pesquisas que se remetem ao estu-

dante e ao jovem na contemporaneidade, sendo que dos trabalhos existentes a maioria são de sociólogos. Quando o tema é a relação entre os movimentos sociais e/ os jovens com as novas tecnologias, mais deficientes ainda são o número de pesquisas, fato este que nos instigou ao presente estudo.

O filósofo e urbanista, Paul Virilio, já havia discutido a amplitude das novas tecnologias na sociedade do início dos anos 1990. Ele assinala que a “História Moderna” foi organizada por cinco motores, o motor a vapor, a explosão, o elétrico, o foguete e a informática. Em entrevista publicada em 1996, no Brasil, Virilio já ressaltou que as novas tecnologias afetavam / e ou estavam modificando “a informação sobre o mundo e nossa relação com ele”.¹⁰ Do momento da publicação da entrevista até os dias de hoje, percebemos que em muitos pontos as assertivas de Virilio cabem reflexão. No que toca ao último motor, a saber, o informático, que é o que nos interessa, ele já havia afirmado que o mesmo iria modificar totalmente a relação com o real.

Em outro momento, Thompson, historiador do marxismo, já havia pontuado que a partir do século XVIII, a existência de uma tecnologia que outrora modificou a relação dos trabalhadores com o tempo: o relógio. O tempo simbolizado pelo relógio foi à tecnologia utilizada para sincronização do tempo, disci-

⁹ GRECO, Fátima Aparecido. *Cultura juvenil: símbolos, estilos e identidades entre utopias e destopias*. Cadernos de História, Uberlândia:EDUFU, n^o12 e 13, v^a 01 – 2004-2005, p.186.

¹⁰ VIRILIO, Paul Os motores da história. Entrevista. IN: ARAÚJO, Hermetes Reis. (org) *Tecnociência e cultura*. Ensaio sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p.129.

plina do trabalho, contra desperdício do tempo e ferramenta do capitalismo na busca constante do lucro.

Aqueles que são contratados e experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu 'próprio' tempo, e o empregador deve *usar* o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado; o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda; ninguém passa o tempo, e sim o gasta.¹¹

Nessa passagem, Thompson deixa claro que o relógio havia transformado em um regulador dos novos ritmos da vida industrial, sendo também uma necessidade do capitalismo industrial para seu crescimento. Assim, uma tecnologia acabou por influir na maneira dos trabalhadores experimentarem o tempo. No entanto, isso não se deu sem resistências, sendo percebidas várias formas de descontentamento, a saber, a demora na realização de tarefas, dentre outras.

Essa idéia proposta por Thompson de que o tempo não tem um sentido único e objetivo, é defendido veementemente pelo geógrafo e urbanista David Harvey. Harvey contesta a premissa que postula que o tempo e o espaço têm um sentido único, com o qual possamos medir com uma régua as percepções humanas.

O tempo social e o espaço social são construídos diferencialmente. Em suma,

cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço.¹²

O tempo social e o espaço social referem-se às relações sociais tecidas pelos sujeitos no tempo e no espaço. Assim, a proposta destes autores ora apresentada, é extremamente significativa para pensarmos como ficam as relações sociais e a questão do tempo e do espaço, a partir dessa reconfiguração das lutas sociais com o “quinto motor” proposto por Virilio, ou seja, a computação, a internet, email, Orkut, dentre outros.

O “quinto motor”, a juventude e as entidades estudantis: interseções.

Quando nos deparamos com o termo “novas tecnologias”, logo nos vem à mente a internet, devido, possivelmente, ao seu crescente uso por parcelas heterogêneas da sociedade brasileira e ao extenso número de transformações tecnológicas advindas desse campo do conhecimento técnico-científico. Também denominada de “a grande rede”, a internet é uma ferramenta informacional e comunicacional, bem como produto de um projeto militar estadunidense, planejado durante a guerra fria com a finalidade de formar um grande “banco de dados” que viabilizasse estratégias de poderio hege-

¹¹ THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. IN: *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.272.

¹² HARVEY, David A *condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2005, p189.

mônico dos norte-americanos pelo mundo. A partir desse momento, o seu uso foi difundido nos anos 1960 e 1970, para nos anos 1990 chegar ao uso dos segmentos da sociedade que tivessem condições econômicas para obter os serviços oferecidos pela computação e pela internet. No Brasil, com o surgimento de *lan houses* (casa de jogos), *cibercafés* e financiamentos por parte do atual governo, para facilitar o acesso aos computadores pelas camadas mais baixas da sociedade, o acesso a internet popularizou-se, a partir dos anos 2000. No entanto, nunca é demais lembrar que, apesar de ter ocorrido o aumento da acessibilidade ao uso do computador, uma grande parcela da sociedade não tem acesso sequer às mínimas condições de saúde, higiene, habitação e educação.

A atual conjuntura que vivenciamos nos leva a analisar até qual ponto / e como essas transformações podem interferir e / ou estão interferindo nas nossas relações com o real. Como este é um tema recente na historiografia e o tempo de uso dessas tecnologias é obsoleto – isto é, são consideradas ultrapassadas muitas vezes em menos de um ano –, acreditamos ser de fundamental importância procurar entender essa nova reconfiguração das relações sociais na rede.

Para realizar este estudo, optamos por analisar / e utilizar as próprias ferramentas que a computação (internet) nos oferece, ou seja, utilizamos os sites e as comunidades de Orkut referentes às entidades estudantis – a UNE, UBES, DCEs e do MEPR. Outra opção foi o envio de

emails e recados via *orkut*¹³, as entidades estudantis e aos mediadores de algumas comunidades, respectivamente. Acreditamos que essas fontes são essenciais para esta análise, visto que, elas são uma das marcas e vestígios deixados pelos seus usuários. Nesse sentido, nos apoiamos nas premissas de Carlo Ginzburg, que pontua que: “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”¹⁴.

Dos 24 emails enviados a UNE, UBES, Movimento Estudantil Popular Revolucionário-MEPR e DCEs, obtemos respostas somente dos DCEs¹⁵ da Universidade Estadual de Montes

¹³ Cada comunidade do *orkut* tem um mediador, que é quem cria a comunidade e aceita ou deferi o pedido de participação na mesma. Cada usuário do Orkut tem uma página pessoal, onde qualquer pessoa que seja cadastrado no Orkut pode visitar o Orkut de quem desejar olhar as fotos, deixar recados e outros. Assim, quem é cadastrado no Orkut não tem número limitado de amigos e comunidades que pode cadastrar, sendo essas comunidades um indicio do perfil e dos gostos de cada usuário.

¹⁴ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.177.

¹⁵ Foram enviados emails aos DCEs da Universidade Nacional de Brasília, a UNIMONTES, as Universidades Federais de São João Del Rei, Juiz de Fora, de Uberlândia, do Rio Grande do Sul e ao MEPR central, de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rondônia, do nordeste, sul, centro-oeste e norte, entre os dias cinco e dez de maio. O objetivo de envio dos emails foi saber como as entidades estudantis brasileiras estão percebendo e analisando esse processo de surgimento crescente e usos dessas novas tecnologias pela sua base social, a saber, a juventude. Dentre as perguntas enviadas, destacamos: Fale sobre o movimento estudantil e as novas tecnologias (internet, orkut, sites, msn e outros). Como o movimento esta se estruturando e lidando frente à era da tecnologia? Como a entidade avalia as relações sociais a partir da internet? Quais pontos positivos e negativos nas apropriações da internet pelo movimento? A entidade debate esse tema em suas reuniões?

Claros-UNIMONTES, da Universidade Federal de Viçosa-UFV e do MEPR-SP, sendo que o MEPR-SP apenas elogiou a iniciativa e pediu para o email ser enviado aos representantes do movimento central. Já o DCE-UFV, representado por Gabriel Lourenço, do setor de comunicação da entidade e da Articulação de esquerda – tendência interna do Partido dos Trabalhadores –, respondeu a questão ressaltando que sua resposta era pessoal e não fruto de um debate interno.

Tal fato, já pode ser encarado como um indício de como as entidades estão se portando frente à internet. A falta de respostas pela maioria dos emails¹⁶ pode ter ocorrido pela falta de debate interno das entidades quanto a essa questão. O email de Gabriel Lourenço é um indicativo dessa falta de debates. A opção da não resposta pode ter sido uma alternativa para um não posicionamento ao presente estudo, visto que a resposta poderia significar – na visão deles – um posicionamento da entidade.

Os estudos que elegeram a internet como objeto de pesquisa, via de regra, se polarizaram de maneira maniqueísta, ou seja, ora são análises otimistas que vêem a ciência como plenamente favorável as satisfações das necessidades humanas, ora com uma posição pessimista, alegando que as tecnologias acabam por pulverizar a criatividade e racionalidade do homem, contribuindo para o crescente

processo de individualismo. Nesse sentido, o filósofo Pierre Lévy assinala que esses discursos maniqueístas, apesar de se apresentarem como críticos, trazem consigo traços conservadores. Para Levy, o fato de não conhecerem bem as mudanças que estão ocorrendo com as tecnologias, esses discursos acabam por produzir conclusões apressadas e conceitos sem originalidade.

Critica-se a ideologia (ou utopia) da comunicação sem se fazer a distinção entre televisão e internet. Estimula-se o medo da técnica desumanizante, ao passo que as questões que dizem respeito às escolhas entre as técnicas e os seus diferentes usos. Deplora-se a confusão crescente entre real e virtual sem nada se entender sobre virtualização, que pode ser tudo menos desrealização do mundo – seria antes uma extensão do potencial humano.¹⁷

Já Paul Virilio discute a amplitude das novas tecnologias e aponta para os riscos totalitários da “colônia global multimidiática”. Analisando o motor informático, ele ressalta que no processo de obtenção de novas tecnologias, há um prejuízo do real, em que a chegada do “mundo virtual” acarretara na desqualificação e descrédito do real. Para Virilio, as novas tecnologias poluem as substâncias – detritos jogados no meio ambiente – e as distâncias – quando viajamos de trem e avião perdemos muito do contato direto com o meio. Ele ainda pontua

¹⁶ Os motivos da falta de respostas dos emails podem ser inúmeros, inclusive a falta de utilização dos mesmos pelas entidades.

¹⁷ LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p.34.

que estamos indo em direção à “derrota dos fatos”, onde pessoas que moram em lugares diferentes do planeta podem se comunicar via telefone, passando a viver no “tempo mundial”, ou seja, em um não lugar, intangível:

Ora, doravante, este tempo único, universal, astronômico, se transformou no tempo próprio do mundo. Existe assim uma desqualificação do tempo local mas também do espaço local, em proveito do tempo mundial e de um não-lugar. (...) Podemos estar aqui e lá, podemos agir em outro lugar, de uma maneira total, instantânea, e não simplesmente por uma mensagem.¹⁸

Apesar dessas propostas apresentadas, Virilio afirma que não é contra a técnica, mas um crítico de arte da técnica, ou seja, um crítico de como se utiliza a técnica. As pesquisas desenvolvidas por Virilio são do início dos anos 1990. Do momento da publicação de seus trabalhos até os dias de hoje, muitas tecnologias foram inventadas e o acesso ao computador é expressamente significativo se comparado a períodos anteriores. Já Pierre Levy, teve seu trabalho “Cibercultura”, editado no Brasil em 1999, tendo muita coisa muda nesse percurso. Por isso, é preciso que tenhamos cuidado ao formular opiniões sobre determinadas tecnologias, pois corremos o risco de construir argumentos apressados e equivocados, acerca das avaliações que

fizemos das “relações sociais construídas na rede”.

Em recente monografia apresentada no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, Vaneska Gabriela da Costa, avalia as relações sociais construídas na rede. Ela nos indica que nunca é demais lembrar que nesse processo de obtenção de tecnologias existem “forças em ação, demandadas pelos atores sociais, na forma como cada pessoa ou grupo apropria-se das tecnologias”.¹⁹ Assim, Costa, embasada nas proposições em Levy, propõe pensar a tecnologia não como autônoma a sociedade, mas analisá-la pensando que o homem pode utilizá-la de diversas maneiras, até mesmo optando por sua rejeição.²⁰

Para compreender as relações sociais construídas na rede, Gabriela Costa, busca no conceito de experiência de Thompson, a base teórica para se ancorar. Apesar de Thompson ter balizado os seus estudos nas análises da formação da classe operária inglesa, seus estudos nos indicam que a classe não pode ser vista ou percebida apenas como algo que se une somente segundo um modo de vida,

¹⁸ VIRILIO, Paul. Os motores da história. Entrevista. IN: ARAÚJO, Hermetes Reis. (org) *Tecnociência e cultura*. Ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p.130-131.

¹⁹ COSTA, Vaneska Gabriela da. *Conexões on line: uma avaliação das relações sociais construídas na rede*. (monografia). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia-UFU, 2008, p.16.

²⁰ Na monografia, Vaneska Costa procurando se abster de análises e registros pessimistas das relações sociais construídas na rede, não consegue romper com uma visão maniqueísta e acaba caindo em outro extremo, apesar de mostrar os diversos tipos de sociabilidades construídos na rede a partir de uma análise advinda da história social.

mas a partir das suas experiências vividas e pensadas no interior das relações sociais.

Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco e reciprocidade, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas.²¹

A proposta apresentada por Raymond Williams, acerca da cultura, também é significativa para compreendermos as relações sociais na atualidade. Entendendo a cultura como “práticas culturais”, ele assinala que a mesma recebe baque constante dos conflitos sociais vivenciados no cotidiano. Assim, a teoria de Thompson de “experiência” e a definição de cultura de Williams, convergem no sentido de pensarmos as vivências e o itinerário da cotidianeidade dos sujeitos históricos, em uma miríade de significações e (re) significações das sociabilidades construídas na rede.

Voltando o foco para a internet, percebemos que os seus usuários o fazem de distintas formas, seja se identificando quando participam de um chat de bate papo, ou criando um pseudônimo

– ou seja um *nick name* ou máscara –, seja idealizando e criando uma imagem de si e dos outros que muitas vezes não corresponde com a realidade. Outras vezes, as comunidades e páginas pessoais do orkut, bem como os sites de grupos específicos, são produtos de práticas culturais, valores, crenças, ideais e, até mesmo, compondo um repertório de formas de resistência e conflito vivenciados pelos diversos sujeitos históricos.

No caso do orkut, rastreamos diversas comunidades relacionadas a UNE. A comunidade “UNE”, por exemplo, possuía mais de seis mil adeptos. O grande número de comunidades que dizem respeito à entidade, é um indicativo que a mesma está aderindo a essas novas tecnologias. As comunidades são diversas e expressam uma miscelânea de sentimentos, ideais e crenças: “49ª Bienal da UNE, eu estive lá”, “Até o Eric rompeu com a UNE”, “Une Diretas já”, “Alojamento-UNE”, “A *uni*²² é mais corajosa que a UNE”, “Eu ia pro bar da UNE”, “A UNE não me representa”, dentre outras.

A partir dos títulos das comunidades, já podemos inferir a variedade de posicionamentos dos diversos sujeitos históricos que utilizam da internet como espaço de debates – geralmente se utiliza o termo ciberespaço para se referir ao espaço na rede. Cada comunidade, geralmente, é composta por pessoas que coabitam com a premissa geral da mesma, que é colocada no início da página.

²¹ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.49.

²² A *uni* é um unicórnio do desenho animado “Cavernas do dragão”, exibido pela rede Globo de televisão.

Qualquer fato ou situação pode tornar-se um tema de comunidade no orkut. O incidente ocorrido recentemente na Universidade Nacional de Brasília, onde o reitor Timothy foi acusado de corrupção e improbidade quanto ao uso de verba pública, acarretou na ocupação da reitoria da universidade pelos estudantes que queriam a renúncia do reitor, chegando o fato às páginas de comunidades no orkut.²³ Na comunidade “Ocupação da UNB”, que conta com 216 adeptos, o título já nos sugere a adesão e aprovação do ocorrido na Universidade Nacional de Brasília. A mensagem disponível na primeira página da comunidade indaga: “Vamos invadir a Reitoria da UNB também no orkut! Vamos dizer em alto e bom som. Fora Tomothy, mamya, mamya e cia. Por novas eleições diretas e paritárias” *Sic* ²⁴. Nessa comunidade ainda é possível notar outras comunidades com parecido teor argumentativo, com propostas de apoio a invasão das Reitorias ocorridas nas Universidade de São Paulo-USP, Universidade Estadual de Campinas-UNICamp e outras. Em suma, essas trocas de informações entre comunidades e usuários da internet produzem um correio de informação que torna a rede um espaço complexo, onde são produzidos significados das relações sociais construídas em um ambiente alternativo

²³ A ocupação da reitoria da UNB ocorreu no mês de abril, após invasões de outras reitorias de universidades públicas no país e diversas acusações de corrupção por parte de alguns reitores.

²⁴ <<<http://www.orkut.com.br>>>. Comunidade “Ocupação da Reitoria da UNB” (acessado 05/05/2008). Segue o original

(na rede) que, nem sempre, são convergentes, mas tencionadas pela pluralidade das ações humanas.

Na ocupação da UNB, o site do grupo de relacionamento *Yahoo* fez uma enquete propondo a seguinte questão: “Você apóia os estudantes no movimento de invasão da Reitoria da UNB?”. Apesar de algumas unidades de pessoas terem postado sua opinião, a cada vez que alguém fosse acessar o email no *Yahoo*, no mês de abril, na página inicial aparecia a enquete.

O usuário identificado por “Lus” corrobora com a idéia da saída do Reitor “fajuto, mas não apoio a baderna que se instalou lá! Conheço por convivência, essas invasões. O resultado é prejuízo para o Brasil inteiro. Quando saíres se verá a destruição, o roubo... e nunca ninguém pagará por isso” ²⁵.

“Ciane”, num posicionamento distinto de “Lus”, afirmou: “Sim... e uma boa ação isso e o que pouco acontece hoje antes os jovens luvam mais por seus direitos... eu os apoi sim” ²⁶. Já “Luigi”, indagou que: “Sou totalmente favorável e se fosse mais perto ia invadir também. Aliás, gostaria de sugerir aos estudantes universitários que invadissem outros lugares, tipo congresso, Senado, Câmara etc” ²⁷.

²⁵ << <http://fr.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080410123931AAde3hz>>> (acessado 05/05/2008)

²⁶ << <http://fr.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080410123931AAde3hz>>> (acessado 05/05/2008) A escrita corrida e atropelada, presente na internet faz com que os erros gramaticais e as palavras escritas pelas metades sejam uma marca constante dos usuários da rede. Os textos foram conservados na íntegra.

²⁷ << <http://fr.answers.yahoo.com/question/index>

Os posicionamentos postados na enquete são heterogêneos, desde os que apóiam incondicionalmente, aos que reprovam a invasão realizada pelos estudantes na Reitoria da UNB, por não acreditarem que essa seria a melhor medida a ser tomada. O alcance que essas informações podem ter na internet é ilimitado. Por meio da internet, um morador do Japão tem como ficar ciente do que acontece em uma entidade estudantil brasileira, antes mesmo de milhões de estudantes do país ou dos pares que compõem o próprio diretório.

Essa troca de informações é perceptível até mesmo na enquete, pois “Joseph”, acabou por citar um fato ocorrido na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

Também fui favorável e participei da ocupação do prédio de Reitoria da UFMG por causa da ação truculenta da Polícia Militar no campus Pampulha em Belo Horizonte contra um grupo de estudantes que pretendiam exibir o filme *grass maconha* no Instituto de geociências. Dentro de uma Universidade Federal que é lugar legítimo onde os debates dos temas que envolvem a sociedade podem e devem acontecer (...) ²⁸.

Nas mensagens postadas na enquete, percebemos que elas são ilustrativas de crenças e ideais heterogêneos dos usuários. As posições de “Ciane”, “Lui-

gi”, “Joseph”, e “Thiago” – ele apóia a invasão e afirma que se estivesse lá no momento da invasão iria se sentar na cadeira do Reitor –, são demonstrativas de pessoas com idéias tidas como extremistas, posicionamentos estes, geralmente ligados a juventude e a inconseqüência.

A mensagem postada por “Roberto” é um indicativo dessa imagem inconseqüente relacionada ao estudante.

Porque os estudantes sempre acham que resolvem tudo no berro, no grito ou na quebradeira? Pois quando se racha um pau nas dependências da universidade, quem paga o prejuízo é toda a sociedade através dos impostos. E fica parecendo que a molecada está de vagabundagem quando deveriam estar estudando e mostrando serviço. O Reitor não vai renunciar, vai sentar bofete em todo mundo e, se trocarem o homem vão colocar outro no lugar. Para mim, isso tudo é desculpas de desocupado que fica coçando os testículos e que vai lá para fumar maconha e cantar o hino da Internacional Comunista.²⁹

Essa passagem nos leva a pensar que esse usuário é um adulto. Apesar das gírias utilizadas no trecho, a idéia expressa pode ser de um adulto que vê o movimento como inconseqüente, ou de um jovem que não é afeito às ideologias dos estudantes que ocuparam a Reitoria da UNB. Na internet, não é possível saber a idade dos usuários, mas a

x?qid=20080410123931AAde3hz.>> (acessado 05/05/2008)
²⁸ << http://fr.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080410123931AAde3hz.>> (acessado 05/05/2008)

²⁹ <<http://fr.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080410123931AAde3hz>>. (acessado05/05/2008)

mensagem postada por “Roberto” nos leva a refletir sobre alguns pontos. Primeiro, quando ele pergunta “por que será que os estudantes acham que podem resolver tudo no berro”, e, depois com a asserção de que “fica parecendo que a molecada esta de vagabundagem”, parece que o mesmo não está inserido no que convencionalmente a sociedade autodenomina de juventude. Essa imagem do jovem expressa por ele corresponde às formas que o senso comum representa, muitas vezes, o estudante. A sociedade vê o jovem de forma ambivalente, ora como um elemento perigoso para a ordem pública, ora como os futuros dirigentes da nação.

Opiniões taxativas como essa, muito comum em enquete na internet, são no mínimo apressadas. Induzir a conclusão de que todos os estudantes que participaram do movimento são maconheiros, parece ser uma análise obsoleta do acontecido. Somente com uma análise apurada do que realmente aconteceu é possível chegar a uma compreensão do acontecido.

Ana Maria Doimo, Maya Mithe e Rousiley Maia em pesquisa sobre os movimentos sociais, a internet e os novos espaços públicos, pontuam esses lugares de debates via rede. “A realização desses atos de comunicação e debates, que reúnem indivíduos territorialmente distantes, é um primeiro passo para influências, mesmo que indiretamente, nos processos de tomada de decisão”³⁰.

³⁰ DOIMO, Ana Maria; MITRE, Maya; MAIA, Rousi-

As autoras ressaltam que após os jornais, rádio e tvs terem sido ovacionados com uma série de críticas acadêmicas, no qual colocavam em debate sua função de fomentadores do questionamento crítico da sociedade e por atuarem como representantes de diversos grupos sociais, a internet aparece como uma mídia alternativa. Para elas a internet pode criar novas alternativas e possibilidades de participação política. Nesse sentido, elas citam a DH Net, que nada mais é que uma Enciclopédia digital de Direitos Humanos, onde

uma rede eletrônica sem fins lucrativos que, além de funcionar como portal de informação, oferece espaço gratuito em seu domínio para que diversas Organizações não governamentais-Ongs, espalhadas pelo país e integrantes do movimento de direitos humanos, construam sua própria página na www. Ao abrigar e agrupar, no plano virtual, tais entidades congêneres, a DN Net possibilita que elas estabeleçam contatos entre si e construam *on line*, uma estrutura e horizontes de articulação, de troca de experiências, de ativismo e de compartilhamento de valores ético-políticos, a qual chamamos de *redes cibernética*, por ser uma espécie de versão eletrônica das redes sociais movimentalistas(...)³¹

ley. Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos: o caso da DH Net. IN: DIAS, Leila Cristina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p.109.

³¹ DOIMO, Ana Maria; MITRE, Maya; MAIA, Rousiley. Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos: o caso da DH Net. IN: DIAS, Leila Cristina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul:

Analisando as demandas e interesses no que toca o ativismo político *on line*(na rede), as autoras concluem que a internet, por meio de *redes cibernética* de participação, funciona como um correio midiático que potencializa ciberespaço de participação. Como um espaço virtual, a internet pode ainda proporcionar trocas de experiências, contribuindo para a circulação de informações entre grupos comuns e ocasionando o fortalecimento de laços de reciprocidade. No entanto, elas não deixam de assinalar que apesar da internet possibilitar a criação de novas formas de participação política “um diagnóstico equilibrado inclui o cuidado de não fazer previsões excessivamente otimistas”³².

No caso das entidades estudantis, percebemos que as mesmas estão procurando de alguma forma, (re) atualizar suas estratégias de luta, por meio da internet, que aparece como uma ferramenta para divulgação de notícias das ações estudantis, sendo que seu uso não se deve somente ao seu baixo custo, mas ao seu alcance e agilidade na propagação das informações. Analisamos os sites dos Diretórios Centrais Estudantis-DCEs da Universidade de Brasília, Universidade federal de Viçosa-UFV, Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, Universidade Federal do Rio

Grande do Sul-UFRGS, Universidade Estadual de Campinas-UNICamp, Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES, além do Movimento Estudantil Popular Revolucionário, da UNE e UBES. Nestes sites, notamos a publicação de matérias, artigos, blogs e fotos, dando cobertura às manifestações das entidades e em algumas delas o histórico do movimento estudantil brasileiro e local. Na maioria deles, há espaço para os visitantes postarem mensagens de assuntos diversos e enviarem artigos para serem publicados. A partir destes sites, podemos ainda notar a posição político-ideológica das entidades. Com relação ao site do MEPR, o seu pano de fundo na cor vermelha e seus posicionamentos ferrenhos contra o Fundo Monetário Internacional-FMI, a Reforma Universitária e ao Governo atual, já é um indicativo que o movimento é alternativo à UNE e à UBES. Já o site da UNE e da UBES, são apresentados em tonalidades claras, na cor azul claro e branca, indiciando um posicionamento mais aberto a debates com a procura de diálogo em vários momentos com o poder instituído, o que nem se quer é cogitado pelas lideranças do MEPR.

O ex-diretor de inclusão digital da UNE – a criação desse cargo já é um fato a ser analisado – Leandro Chemale, ex-estudante da Universidade Federal de São Carlos, comentou sobre a participação da Entidade estudantil no “I Seminário Nacional de Inclusão Digital e Democratização da Informação-SENID”, realizado em 2006. Conforme ele,

EDUNISC, 2005, p.108.

³² DOIMO, Ana Maria; MITRE, Maya; MAIA, Rousiley. Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos: o caso da DH Net. IN: DIAS, Leila Cristina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p.122.

Na década de 90, com o surgimento da internet e a massificação da comunicação on line, o cenário começou a mudar: o próprio movimento estudantil ficou mais dinâmico, diversas executivas de curso conseguiram se articular melhor, enfim, muita coisa mudou. Só uma coisa não mudou: a cultura do software.³³

Nesse evento, a UNE além de pontuar o papel da internet na informação do movimento estudantil faz críticas ao software, propondo o seu livre acesso. “O termo software livre se refere à liberdade que o usuário tem de executar, distribuir, modificar e repassar as alterações sem, para isso, ter que pedir permissão ao autor do programa”³⁴.

Essa reconfiguração do movimento estudantil, a partir da internet, parece ter sido adotada tanto pelos grupos afinados à esquerda do movimento, quanto pelos grupos de centro e os chamados direitistas. Em email respondido pelo DCE-UNIMONTES, o então presidente Diego Macedo - da chapa “A hora é agora”, eleita ano passado -, ressalta a dificuldade de comunicação da entidade, visto que a referida Universidade possui diversos *campis* espalhados pelo Norte de Minas Gerais. “E a tecnologia veio facilitar a comunicação e publicação dos trabalhos da entidade. Pela internet o estudante e a sociedade conseguem nos contactar com facilidade, vários contatos já

foram realizados. O Nosso site também é utilizado para publicações dos acadêmicos”³⁵.

Segundo, Gabriel Lourenço do DCE-UFV,

O movimento estudantil tem se apropriado rapidamente das novas tecnologias de mídias como instrumento não só de propagação ideológica, mas de contato com a própria base. A internet tem sido um desses principais instrumentos, marcadamente desde o ano passado, vários coletivos de mobilização passaram a utilizar blogs e rádios on line durante ocupações, o que propicia a rapidez na comunicação e informação dos fatos.³⁶

Essa passagem é ilustrativa do novo momento das manifestações estudantis. Tomando como exemplo a invasão da UNB este ano, percebemos a utilização de sites para divulgar o movimento, bem como msn, correio de ocupação, blogs e rádios *on line*, disponíveis nos sites criados do movimento.³⁷

Essas novas tecnologias além de divulgar as manifestações estudantis para todo o país servem como espaço de troca de experiência entre os seus pares. Como a cada dia, a internet passa a ter cada vez mais espaço no cotidiano do jovem,

³³ <<HTTP:www.baladaforte.com/unelivre/news07.php>>. (acessado 05/05/2008).

³⁴ <<http:www.une.org.br>> (acessado dia 5/05/2008).

³⁵ Email respondido para andreyhistoria@bol.com.br. dia 20/05/ 2008.

³⁶ Email respondido para andreyhistoria@bol.com.br. dia 10 /05/2008.

³⁷ Ver: <<http: // www.midiaindependente. org / pt/ blue/ 2008/ 04/ 416315.shtml>>. (acessado 05/05/2008). Msn ocupação: reitoriaocupada@hotmail.com; blog: http:ocupacaounb.blogspot.com/ rádio ocupação: http: //orelha.radiolivre.or:8000/radioladf.m3u; correio ocupação: oupacaounb@gamil.com

a mesma acaba por se tornar um correio de informação entre entidades estudantis e juventude.

Além disso, a juventude esta fortemente ligada à internet, devido ao movimento estudantil se apropriar dessa ferramenta para se comunicar com a base estudantil. A possibilidade de uso de sites, fóruns de discussão, listas de emails, etc, amplia os canais de acesso aos/às estudantes, o que pode promover um avanço na política das entidades na medida em que essas podem não apenas informar, mas consultar essa base mais frequentemente, devido às dificuldades de promover efetivas assembleias.³⁸

Mesmo assim, Gabriel Lourenço, alerta para se ter cuidado “de não deixar de lado instrumentos tradicionais, como as próprias assembleias, panfletagens, passadas em sala de aula, entre outros, pois as entidades não podem deixar de lado o contato direto com a base social que a representa”³⁹.

Voltemo-nos às análises de Virilio, que propõe que “cada motor modifica o quadro de produção de nossa história e também modifica a percepção e a informação”⁴⁰. A internet, apropriada pelos sujeitos sociais, contribuiu para modificar o itinerário da vida e cotidianeidade da sociedade mundial. São inúmeras

possibilidades de sites que um usuário pode conectar e acessar aos variados tipos de informação a partir de um clique. Tal fato nos leva a refletir sobre a noção de tempo e espaço, já comentada por Harvey, Virilio e Thompson neste artigo. Harvey, em outro momento afirmou que as “barreiras espaciais foram reduzidas a tal ponto que tornaram o espaço um aspecto contingente, em vez de fundamental, da ação humana”⁴¹.

Essa afirmação de Harvey serve como um gancho para analisarmos o email respondido por Gabriel Lourenço, que alerta para não se deixar de lado os instrumentos tradicionais de comunicação. Apesar dessas novas tecnologias servirem de meio de divulgação das entidades, não podemos esquecer que ela informa uma práxis – sendo ela mesma uma práxis –, não devendo de maneira alguma suplantando o contato direto. Tal assertiva, não quer afirmar que a técnica determina integralmente a ação humana, mas que a miríade de possibilidades dos seus usos, são condicionadas e condicionantes das experiências vividas e elaboradas pelos sujeitos históricos.

Nesse amalgama que são as apropriações da internet, o que resta às entidades estudantis de certa forma é disputar a atenção dos estudantes com outros sites que dizem respeito à culinária, moda, programas de TV e outros. A disputa pelo espaço na internet, atualmente parece ser a preocupação das

³⁸ Email enviado a andreyhistoria@bol.com.br dia 10/05/2008.

³⁹ Email enviado a andreyhistoria@bol.com.br dia 10/05/2008.

⁴⁰ VIRILIO, Paul *Os motores da história*. Entrevista. IN: ARAÚJO, Hermetes Reis. (org) *Tecnociência e cultura*. Ensaio sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p.127.

⁴¹ HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2005, p.290.

entidades, pois enquanto a comunidade da UNE no orkut possui seis mil adeptos, outras comunidades que trazem no bojo de seus interesses o uso do celular, a moda, a música e outros, possuem milhões de adeptos.

Nesse sentido, acreditamos que análises apuradas das relações sociais construídas na rede podem nos indicar um mosaico de sensibilidades, disputas, conflitos, acomodações, aceitações e resistências. Apesar de se apresentar como uma alternativa para a troca e circulação de informações, as partilhas dessas experiências não deixam de ficar circunscritas a uma falta de contato direto, olho no olho, cara a cara... Virilió quando analisa os usos da técnica, nos indica uma preocupação com as apropriações das tecnologias e com o fetiche – como diria Marx – que elas trazem consigo ao promover a acentuação do processo de individualização do sujeito, mesmo estando em um coletivo – ou seja, em contato com outras pessoas via internet. Fechar os olhos para a reconfiguração das relações sociais, enviesadas principalmente com a gênese das novas tecnologias, parece no mínimo um furto a um debate que levar a reboque os modos de vida na atualidade, opacizando análises sutis deste processo. O que podemos avaliar é que o posicionamento menos otimista deste processo, pode nos indicar um campo de possibilidades que é o do prisma da história. E, por que não afirmarmos que podem existir perdas sutis nessas relações?

Fontes:

Emails respondidos

Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Viçosa-DCE UFV

Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual de Montes Claros-DCE UNIMONTES

Movimento Estudantil Popular Revolucionário-São Paulo.MEPR-SP

Jornal Informativo. II Semana de debates contemporâneos. “Maio de 68: as barricadas do desejo. Belo Horizonte: UFMG, maio de 1988.

Sites:

01-http: // www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/04/416315.shtml. (acessado 05/05/2008).

02-http://fr.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080410123931AAde3hz. (acessado 05/05/2008)

03-http: //www.une.org.br (acessado 05/05/2008)

04-http: //www.orkut.com.br

05-http: // www.baladaforte.com/unelivre/news07.php. (acessado 05/05/2008).

06-http:WWW.dceufsj.org/ (acessado 05/05/2008)

07-http:WWW.dceufjf.com/ (acessado 05/05/2008)

08-http:WWW.dceunimontes.com.br (acessado 05/05/2008)

09-http:WWW.dceu.unb.br/ (acessado 05/05/2008)

10-<http://WWW.dceuunicamp.org.br>
(acessado 05/05/2008)

11-<http://dceufrgs.wordpress.com/> (aces-
sado 05/05/2008)

12-<http://WWW.dce.ufba.br> (acessado
05/05/2008)

13-<http://WWW.mepr.org.br> (acessado
05/05/2008)

Msn ocupação:

reitoriaocupada@hotmail.com

Blog:

<http://ocupacaounb.blogspot.com/>

Rádio Ocupação:

[http://orelha.radiolivres.org.br:8000/radio-
ladf.m3u](http://orelha.radiolivres.org.br:8000/radio-ladf.m3u)

Correio Ocupação:

ocupacaounb@gmail.com

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: BOITEMPO, 2007.

CHAUÍ, Marilena. Um lugar chamado Maria Antonia. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org). *Maria Antonia uma rua na contramão*. São Paulo: UNICAMP, 1988.

COSTA, Vaneska Gabriela da. *Conexões on line*: uma avaliação das relações sociais construídas na rede. (monografia).

Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia-UFU, 2008.

DOIMO, Ana Maria; MITRE, Maya; MAIA, Rousiley. Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos: o caso da DH Net. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p.107-130.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GRECO, Fátima Aparecida. Cultura juvenil: símbolos, estilos e identidades entre utopias e destopias. *Cadernos de História*, Uberlândia: EDUFU, n^a12 e 13, v^o 01 – 2004-2005, p.171-187.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Com-

panhia das Letras, 1998, p.267-304.

VIRILIO, Paul Os motores da história. Entrevista. In: ARAÚJO, Hermetes Reis. (org.). *Tecnociência e cultura*. Ensaaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p.127-148.

WEBER, Max. O ascetismo e o espírito do capitalismo. In: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martim Claret, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Submetido em 6 de dezembro, 2010

Aprovado em 23 de março, 2011